



ARTIGOS



Uma Nova “Casa Dos Homens”?: O Gênero Em Questão Nos Grupos Terapêuticos Masculinos

Alberto Filho, *Universidade de Brasília*

Resumo: As masculinidades tem sido colocadas em questão no mundo contemporâneo, principalmente a masculinidade tradicional ou hegemônica, historicamente cultuada em nossa sociedade. Uma das arenas na qual essa reflexividade tem sido exercida é o universo dos grupos de homens ou grupos masculinos terapêuticos que tem se constituído como uma nova “casa dos homens” em que a condição masculina tem sido discutida à luz de perspectivas psicologizantes ou espiritualistas. Este artigo aborda esses grupos de forma crítica, questionando, a partir de relatos de pesquisa realizada durante a pandemia, em que medida o problema das desigualdades de gênero – tema associado às agendas feministas – tem conseguido adentrar estas iniciativas dirigidas por eles para eles.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Desigualdes. Gênero. Feminismos.



Introdução

A ascensão dos feminismos nos últimos anos no Brasil tem impactado sobremaneira os debates político e acadêmico, e repercutido analiticamente em campos como a Psicologia e a Sociologia. Enquanto olhar para o mundo que se fundamenta na busca pela equidade entre os gêneros, os feminismos provocam a repensar e alterar práticas sociais, bem como a distribuição de recursos que concedem poder. Olhando desde um ponto de vista histórico e jurídico, o avanço da luta das mulheres nos espaços públicos tem desembocado em um progresso na concessão de direitos para esse contingente. Isso não significa que a igualdade civil se materialize em igualdade material. Frente a isso, ainda que, de uma ótica liberal, as mulheres estejam normativamente em paridade com os homens, o que se observa é uma profunda desigualdade que está imbrincada aos processos de socialização e de subjetivação do “feminino” e do “masculino” na cultura ocidental.

Por outro lado, em paralelo à crescente reivindicação feminista, emergem as iniciativas que demandam a transformação ou revisão das masculinidades, dentro e fora do Brasil. Contrariamente às mulheres, os homens gozam dos benefícios concedidos pela estrutura social do gênero. Tais iniciativas, direcionados ao “masculino”, portanto, não se propõem a lutar politicamente contra conformações sociais prejudiciais. Não se trata aqui de um “movimento social”, como o feminista. O grande foco desses espaços, aos quais chamarei aqui de “grupos de homens” ou “grupos terapêuticos masculinos”, tem sido a psicologização de questões individuais problemáticas que conectam-se com dilemas estruturais, mas que são abordadas sob diversos ângulos, desde o cuidado com o corpo, passando pela sexualidade masculina e chegando até o centramento na



espiritualidade, por vezes invocando o “sagrado masculino”. Nesse sentido, os grupos terapêuticos são hoje inexoráveis quando o debate é acerca da condição “masculina” em nossa sociedade.

Ao entrecruzar a conversação entre os feminismos e os grupos de homens, ambos objetos analíticos, entrecruzo o diálogo entre masculinidades e feminilidades, o que significa expor as desigualdades de gênero que reservam locais distintos para homens e mulheres em nossa sociedade, fundamentadas em emocionalidades e formas de sofrer bem como de amar previamente configuradas que serão prejudiciais sobretudo à elas. Logo, o presente artigo se propõe a abordar o conceito de gênero de modo relacional, compreendendo a simultaneidade na produção social do “masculino” e do “feminino”, bem como a complementariedade estabelecida entre a dominação de um grupo e a submissão de outro, o que remete à dicotomias clássicas do pensamento ocidental que relegam o “feminino” ao polo desprovido de benefícios em uma relação na qual o “falo” é o grande protagonista.

A questão a ser centralizada com o decorrer desse texto volta-se mais especificamente aos grupos de homens ou grupos masculinos que trabalham a partir de uma matriz terapêutica. Trabalharei de modo mais aprofundado sobre em que medida, no interior dessas últimas, que são iniciativas dirigidas e compostas por homens, aparecem e se sustentam discursos afins às agendas feministas, centralmente dirigidas à conquista da equidade em todos os espaços. Há espaço para o tema “gênero” e para a rediscussão dos benefícios que as mulheres proveem aos homens no interior de iniciativas tocadas para que eles revisem as suas masculinidades? Ou o debate sobre masculinidades continua encapsulado em uma perspectiva de homens para homens? Afinal, importa afirmar que



tais masculinidades ainda ditadas por formas hegemônicas de “hombrificação” passam pela rejeição ao mesmo tempo que subalternização para o próprio interesse de tudo aquilo que associe-se ao “feminino”¹.

Este artigo se constitui como um desdobramento de pesquisa realizada em 2020 acerca dos grupos masculinos no Distrito Federal. A investigação envolveu além das entrevistas semiestruturadas (aquí resgatadas), etnografia digital em grupos de whatsapp ligados aos grupos de homens bem como realização de sondagem do perfil dos participantes destes grupos a partir da aplicação de *surveys online*. Logo, houve naquele momento a construção de pesquisa integralmente virtual, dado o contexto da pandemia de covid 19 e os desafios por essa impostos com a transferência da ideia inicial de observação participante presencial para o campo virtual. Dado esse deslocamento, elementos que seriam fundamentais à análise do objeto foram perdidos, ao mesmo tempo que houve maior alcance à entrevistas e grupos que não teriam como ser cobertos em função do maior dispêndio de tempo ocorrido em procedimentos científicos presenciais.

A pesquisa, de cunho qualitativo, foi constituída em intervalo de aproximadamente três meses. No caso das entrevistas, houve gravação via Skype e Zoom com posterior transcrição do conteúdo para avaliação dos pontos centrais que² foram enunciados nos discursos dos entrevistados. A interligação entre gênero, lutas sociais feministas e masculinidades, bem como a trajetória dos entrevistados entrara em questão nesta fase. Sendo

¹ Como é o caso de homens homo e bissexuais que sofrem rejeição de homens heterossexuais por não se enquadrarem naquilo que se espera de um “brother”, sendo por vezes jogados na posição de “não homens”.

² Frente aos prazos de apresentação dos resultados da pesquisa após sua realização, o projeto da investigação qualitativa não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da universidade.



as socializações de homens e mulheres produtoras de posições diferentes na sociedade, fica latente a necessidade dos feminismos, mencionados ao início do texto. No campo das transformações das masculinidades, por sua vez, cumprem importante papel os grupos com propostas de “revisão” do “masculino”. Objetivo aproximar tais debates, pois se as desigualdades de gênero geram-se na medida em que feminilidades são rebaixadas, a superação dessas mesmas disparidades se dá na medida em que ocorrem mudanças entre mulheres e homens, em uma redesignação de lugares que mitigue tal abismo.

Nesse sentido, esse trabalho propõe entrelaçamentos entre os estudos sobre masculinidades e os estudos feministas. Ao olhar a masculinidade desde um olhar pró-feminista, vale questionar qual seria o papel dos homens frente aos feminismos acadêmica e politicamente: de apoio, de adesão ou de indiferença? E como se isso se concretizaria, em uma prática que exigiria a renúncia do “privilégio masculino”? Esses questionamentos ajudam a compreender também em que medida propostas que discutem o “masculino” a partir de uma visão revisionista e terapêutica, reforçam ou ajudam a dissolver abismos.

Masculinidades E Feminilidades: Entre Formas De Subjetivação

Para compreender melhor a problematização de gênero, desde um olhar da Psicologia Social, recorro aos estudos de Valeska Zanello (2018). Conforme a autora, as mulheres se subjetivariam a partir de dois dispositivos: o amoroso e o materno. Isso significa que a valorização feminina em nossa sociedade está atrelada ao reconhecimento da mulher por um homem que a veja como parceira e ao cumprimento da função



materna. A verdadeira “mulher” deve encontrar um companheiro e a partir de certa idade, caso esteja solteira, passa a ser pressionada a estabelecer uma relação amorosa. Em função disso, a “solteirice”, entre as mulheres, se torna motivo de sofrimento psíquico. Também deve estar disposta ao sacrifício por seus filhos, por seu marido e pela ordem doméstica.

Os maiores beneficiados com os dispositivos amoroso e materno seriam justamente os homens. Na posição de maridos, namorados ou mesmo amigos, os homens desfrutam do cuidado propiciado pelas mulheres. Uma exemplificação dessa máxima é observável nas mulheres que abandonam as suas carreiras para se dedicarem ao projeto pessoal dos companheiros. Com isso, os homens podem seguir os seus objetivos profissionais contando com a casa limpa, os filhos cuidados e as refeições servidas. Esse estado de coisas configura a divisão sexual do trabalho, formação social que relega ao “feminino” as tarefas da reprodução (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Se hoje vemos homens ocuparem a maioria dos espaços de poder, é porque estamos diante de resultantes de processos sociais que privam as mulheres de acessarem esses locais de prestígio. Embora elas hoje sejam maioria em determinados nichos do mercado de trabalho e mesmo na universidade, dificilmente galgam posições de direção e chefia, majoritariamente masculinas. Além disso, a retórica de que mulheres nasceram para serem esposas e mães contribui, psiquicamente, para perpetuar um cenário no qual o poder fálico constitui-se como única forma de exercício da autoridade. Ou seja, os dispositivos são eficientes vias de subjetivação.



Em países onde o sexismo se faz presente de modo mais forte como o Brasil tais distinções, produtos de *corpus* discursivos, se agudizam, pois além de estarmos diante de um quadro nacional onde, materialmente, os homens, principalmente brancos, se sobressaem no mercado de trabalho, o que tem um impacto na dimensão financeira; também há um índice considerável de práticas violentas contra mulheres³, majoritariamente perpetradas por seus parceiros (antigos ou atuais). Isso dificulta a ascensão social delas, principalmente quando são negras, *trans* ou indígenas ou mesmo mulheres brancas da classe trabalhadora.

Importa afirmar que a subjetivação das feminilidades é complementar àquela que se dá com as masculinidades. Afinal, se as mulheres são socializadas para a abnegação, o cuidado e a submissão, os homens se encontram no polo oposto: são aqueles que devem produzir a dominação, além de serem beneficiários das tarefas de reprodução assumidas pelas mulheres. Tornar-se homem também envolve uma série de rituais que se distanciam do ideário de “naturalidade”, reafirmando a necessidade constante de coação dos indivíduos “masculinos” para que se encaixem em determinados papéis, constituindo-se subjetivamente. Esse processo de reprodução social é referente às desigualdades de gênero observadas estatisticamente e nas representações sociais circulantes na sociedade, já que são conferidas expectativas sobre o “masculino” diferentes das que recaem sobre o “feminino”.

Quanto à subjetivação masculina, a mesma também ocorre conforme dois dispositivos: o laboral e o sexual (Zanello, 2018). O “homem de verdade” deve ser reconhecido como um bom trabalhador e

³ Haja vista a liderança mundial do país no ranking de feminicídios



alguém que mantém o maior número de relações sexuais possíveis. Atendendo a esses requisitos, ele será reconhecido por seus pares no interior da “casa dos homens”⁴. Logo, estar desempregado contribui para a baixa autoestima dos homens e representa um risco à saúde mental masculina, já que esses foram colocados socialmente no papel de “provedores”. Por sua vez, ter uma vida financeira bem-sucedida contribui para o orgulho masculino e é sinal de virilidade, assim como o fato de transar com várias parceiras constitui um símbolo de “macheza” (por isso, existem tantas piadas com a impotência sexual do homem). No imaginário masculino homosocial e homoafetivo, as mulheres são entendidas como objetos sexuais (ZANELLO, 2018).

A masculinidade demanda um aprendizado que, embora cercado de privilégios em relação às mulheres (desde cedo impelidas ao dever do cuidado), também carrega a tarefa de demonstrar força e agilidade, produzindo a negação dos afetos (“o silêncio dos homens”), o que resulta em diversos casos de indivíduos com problemas de saúde mental que se manifestam ou se manifestarão posteriormente. A maioria dos suicídios, por exemplo, é praticada por homens, embora o número de tentativas seja maior entre as mulheres, pois até para a morte é necessário bravura (ZANELLO, 2018). Esse auto silenciamento do “masculino” que faz parte de uma tentativa de supressão de qualquer característica de “feminilidade” é mais nociva ainda quando estamos falando de homens gays e bissexuais que historicamente expõem performances de gênero que quebram com o esperado de um “macho”. Essa afirmação não indica que homens gays e bissexuais e mulheres lésbicas e bissexuais não lancem

⁴ Cf. Welzer-Lang (2001)



mão dos dispositivos de gênero ao longo das suas vidas. É comum observarmos a presença de estereótipos associados às posições de atividade (ligadas ao “masculino”) e passividade (ligadas ao “feminino”) nos relacionamentos homossexuais, o que permite que as hierarquias de gênero continuem vivas quando as de sexualidade são rompidas (ZANELLO, 2018).

Ademais, entre pessoas LGBTs, especialmente entre o grupo de pessoas transexuais, o tornar-se “homem” ou “mulher” envolve o resgate de estereótipos performativos como os ideários da virilidade masculina e da docilidade feminina, a serem expostos em trajes e comportamentos. Essa estereotipia é inclusive necessária quando o desejo é para que haja uma institucionalização da nova identidade de gênero, pois os órgãos estatais tem muita clara uma imagem daquilo que seria o “masculino” ou o “feminino” (BENTO, 2006). Diante disso, os dispositivos tematizados por Zanello são acionados, mas de maneira precária, haja vista que a legitimidade *trans* necessita ser disputada continuamente.

Grupos De Homens Ou Grupos Terapêuticos Masculinos: Caracterização

Os grupos de homens são iniciativas com o público masculino que existem no país desde a década de 1990, sendo o primeiro desses grupos o Guerreiros do Coração, iniciativa inspirada em grupos terapêuticos australianos e fundada no Rio Grande do Sul. Com relação a pesquisas anteriormente realizadas acerca desses, as publicações têm tido ênfase, dentro dos estudos brasileiros sobre masculinidades, nos grupos reflexivos que atendem ao público masculino que comete violências contra as mulheres. Para estudar iniciativas com essa matriz, foi



necessário acessar a literatura produzida nos países de língua inglesa sobre o tema, que em muitos casos pouco ou nada dialogam com a realidade brasileira, pois em nosso contexto as desigualdades de gênero se encontram ainda mais acentuadas do que nos países desenvolvidos.

Existem também diferenças históricas: as organizações “masculinas” começaram a emergir nos EUA, Canadá, Austrália e países da Europa na década de 1970, na esteira da segunda onda do movimento feminista na região; enquanto no Brasil esse processo só aconteceu após a redemocratização, na primeira metade dos anos de 1990. Nesse momento já haviam trabalhos em língua inglesa refletindo as experiências dos movimentos de homens, mais particularmente nos trabalhos de sociólogos como Raewyn Connel, Michael e Michel Kimmel, Michael Kaufman e Michael Messner. Esse último, britânico radicado nos EUA, lançou a obra *Men`s Movement* em 1997, um clássico sobre a questão. Os estudos sobre masculinidades também remontam ao pós-1970. Na América do Norte, estes se dividiram, segundo Kimmel (2018), entre aqueles mais alinhados à crítica do gênero e aqueles que colocavam o “homem” na figura de grande vítima social.

A priori, a ligação entre feminismo e movimentos de homens é histórica. Provocados pelas ativistas da década de 1960, muitos foram os que decidiram se organizar para pôr em questão o exercício das masculinidades. Essas organizações se expressaram de diferentes maneiras: homens pela liberação feminina e pelos direitos das mulheres, grupos que buscavam uma ressignificação espiritualizada ou mesmo os que focavam o “masculino” sob uma chave terapêutica (KIMMEL; KAUFMAN, 1993). Também emergiram movimentos em busca de uma nova paternidade e contra a violência perpetrada contra as mulheres.



Embora não tenham se constituído enquanto movimentos sociais, esses grupos antissexistas deram origem a importantes organizações como a Men Engage, na década de 1990, além de outras conexões de homens “pró-feministas” pelo mundo. No Brasil, a maior expressão dessas iniciativas é a RHEG – Rede de Homens pela Equidade de Gênero.

Mesmo que essas instituições do terceiro setor não sejam universalmente afinados à agenda da equidade, são muitos os grupos de homens que trazem olhares críticos ao machismo. Concomitantemente, faziam parte, também, de uma reação masculina ao avanço do feminismo, grupos em busca do resgate da masculinidade branca ou patriarcal, especialmente dentro de perspectiva conservadora cristã. Esses grupos permanecem vivos hoje nos Estados Unidos na forma de movimentos antifeministas pelos direitos dos homens, afinados a uma agenda pró-população branca e anti-imigração (KIMMEL, 2018). Mais recentemente no Brasil uma expressão desse anti feminismo organizado por homens se encontra na Machonaria, grupo masculino fundado em 2019 e liderado pelo Pastor Senior da Igreja Vivo por Ti, Anderson Silva.

Frente a essa diversidade, os posicionamentos dos homens sobre a luta das mulheres sempre foram distintos. Se conectar com o “masculino” não necessariamente envolve repensar as relações de gênero. Por isso não é possível afirmar que além de possuírem uma relação histórica, os feminismos e os grupos de homens estejam articulados. Pelo contrário. A busca pelo “guerreiro interior” e pelo “sagrado masculino”, presente na fração mitopoiética dos grupos, reforça o essencialismo que atribui características fixas a homens e mulheres. Tal fração tem como um dos nortes teóricos a obra do escritor estadunidense Robert Bly, particularmente o livro *Iron John: A Book About Man*, publicado



originalmente em 1990. Segundo o autor, nas sociedades antigas, tornar-se homem era algo que demandava ritos de iniciação nos quais aqueles que já possuíam esse status introduziam os mais jovens na seara da masculinidade (BLY,1991). Com o advento da Revolução Industrial e a saída dos homens mais velhos para o mundo público, esses ritos se tornaram cada vez mais escassos e o momento que determinava a separação do filho de sua mãe passou a ficar menos claro, já que as mulheres é quem passaram a determinar a criação da prole. Sem essa passagem na qual um homem é guiado e formado pelo outro, os homens perderam a direção das suas vidas. Violência exacerbada, drogas, pornografia: tudo entraria na conta dessa desconexão dos homens.

Com esse argumento essencialista, Bly tentou mostrar que era necessário combater a “afeminação” dos homens contemporâneos, resgatando a instituição da “iniciação masculina” a fim de fazer com que os homens se reencontrassem consigo mesmos. Muitos trabalhos sobre masculinidades no Brasil tem se constituído atualmente sob esse argumento. Esse ideário mítico, embora tente se distanciar do patriarcado tradicional (aqui os homens estariam mais ligados às suas emoções), na verdade tem muitas similares com o raciocínio que subjaz a ele, já que continua sendo baseado sob a ideia de que existem características femininas fixas que devem ser rejeitadas.

Neste texto, trago uma pequena fração desse universo no Brasil⁵, enfatizando a questão que inicialmente move o texto: como as agendas feministas ou por igualdade de gênero penetram esses espaços onde a “masculinidade” e o “masculino” estão no centro? Ou elas não penetram?

⁵ A pesquisa completa se encontra em: [Repositório Institucional da UnB: Em busca do outro masculino grupos de homens no Distrito Federal](#)



Procuro trazer aqui algumas das entrevistas realizadas com coordenadores ou representantes dos grupos, focando na questão dos feminismos, resgatando dados que foram utilizados para a minha dissertação de mestrado. Os grupos e seus representantes não estão identificados pelo nome original, mas por números.

Entre Feminismos E Masculinidades

Quando se fala em “desconstrução” masculina, imediatamente aparecem suspeitas. Recentemente, essas se tornaram visíveis. No ano de 2021, o cantor e compositor Tiago Iorc lançou uma música cujo título é “Masculinidades”. Enquanto homem branco, heterossexual e proveniente dos estratos mais privilegiados da nossa sociedade, Iorc resolveu expor as próprias “dores” e “feridas” decorrentes de um modelo de masculinidade que impele os homens a serem rígidos o tempo inteiro e até mesmo agressivos com aqueles e aquelas a quem deveriam respeitar. A submissão a esse “masculino” idealizado provocaria o divórcio entre o sujeito e ele mesmo como bem explicita esse trecho da canção: “Eu cuido pra não ser muito sensível; Homem não chora, homem não isso e aquilo; Aprendi a ser indestrutível; Eu não sou real”.

A saída desse impasse estaria no retorno ao “eu” em vistas do cuidado àquilo que é de mais íntimo e subjetivo (“Cuida meu irmão; Do teu emocional; Cuida do que é real”). Só assim o sujeito masculino, evocado por Iorc, o próprio eu lírico, estaria de bem consigo, superando os males infligidos a si próprio e aos demais. Quando lançada, “Masculinidade” recebeu diversas críticas em páginas feministas nas redes sociais, na medida em que centrou a problematização do tema da



“masculinidade tóxica”⁶ em um recorte específico de raça e classe social, além de se fundamentar em uma desresponsabilização dos homens em relação às ações violentas perpetradas quando do exercício de sua “macheza”. O que derivaria do cantar de Tiago e de iniciativas voltadas às masculinidades seria que um mero pedido de desculpas por “ser homem” ou uma enxurrada de lamentações egocentradas seriam suficientes para mudar a estrutura de gênero.

A ideia que está por trás da canção do compositor e cantor brasileiro (o reencontro com as emoções do indivíduo como o fim último da discussão sobre as masculinidades) de certa forma vincula-se às propostas dos grupos terapêuticos de homens. Não à toa é comum encontrar psicólogos e terapeutas de diversas matrizes mediando as atividades nesses espaços. No DF, por exemplo, onde realizei a minha pesquisa virtualmente no auge da pandemia, detectei treze grupos ao todo, sendo que entrevistei coordenadores ou representantes de cinco deles. Nestes cinco que pude conhecer mais detidamente, três tinham terapeutas à frente (não necessariamente com formação em Psicologia).

Esse fator indica que a individualização – associada à uma fração da classe média – é uma das características desses projetos. Tal abordagem psychologizante da “masculinidade”, entretanto, em nenhum momento se mostrou excludente com o debate de questões políticas, pois, ao longo de minha observação dos grupos de Whatsapp⁷ ligados aos grupos de homens, temas relativos à gênero e sexualidade foram recorrentes. Esse é um dado importante a se considerar, pois questões macro não se divorciam por inteiro das ações e processos terapêuticos que

⁶ Na literatura especializada essa tem sido alcunhada de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2016)

⁷ Foram observados três grupos de Whatsapp entre julho e outubro de 2020



ocorrem como forma de “remodelamento” de preconceitos estruturais dos homens.

Mesmo que aos homens não seja possível renunciar aos privilégios da masculinidade (HARDING, 2019), é possível, com base em um processo de reflexividade, construir outras vivências que não estejam baseadas no desprezo às mulheres e a outros homens vistos como “femininos”. Afinal, se o “machismo” é socialmente construído, também pode ser socialmente repensado. Azevedo (2012) tentou analisar os homens enquanto sujeitos políticos dos feminismos, na medida em que defendeu a tese (inspirada por teorias de Ernesto Laclau) de que a construção do “sujeito” no interior das lutas das mulheres é um espaço de disputa ocupado ao longo do tempo pelas mais diferentes atrizes. O “sujeito” dos feminismos não é monolítico, mas instável.

Esse tipo de reflexão me levou a inserir no roteiro de questões de minha pesquisa algumas perguntas aos coordenadores ou representantes desses grupos que se voltam a tentar compreender a relação entre as atividades no interior dos grupos de homens e as agendas feministas que se pautam pela busca da igualdade de gênero. Havia possibilidade de encontrar também neles debates sobre temas que também são caros às mulheres que tem lutado na arena pública pela equidade. Sobre essa dimensão, foram as seguintes as questões do meu roteiro para esses homens: “Levando em consideração o debate sobre masculinidade/s que está presente nos grupos críticos ao machismo, você tem conhecimento do movimento feminista, que é plural, e das pautas por ele representadas?; Se sim, quais são as que te chamam mais atenção e por quê?; Como você, enquanto um sujeito que se identifica com o gênero masculino e funda/organiza/conduz um grupo de masculinidades, se posiciona em



relação ao/s feminismo/s?; Há alguma relação entre as atividades e debates realizados pelo grupo e pautas desse/s feminismo/s? Se sim, quais?; Em sua opinião, quais as contribuições que o/s feminismo/s têm a dar para os homens?; Como o grupo de homens discute e atua na desconstrução das desigualdades entre os gêneros?”.

O objetivo era instar os representantes a pensar para além de um debate sobre masculinidades autocentrado e também provoca-los a refletir sobre o seu papel de promotores de conversas sobre questões que em muitos casos são ignoradas. Na pesquisa, foram seis os entrevistados. Em função dos limites desse texto serão abordados apenas três deles (um representante de um grupo terapêutico conhecido pela sua maior extensão no DF; um representante de um grupo terapêutico voltado ao público negro e um terceiro voltado ao público homossexual). Nomeio eles aqui de 01, 02 e 03, respectivamente.

Entrevistas

Em relação à primeira questão, o entrevistado 01 afirmou conhecer o movimento feminista e reconhecer a sua importância, contudo reconhece que o grupo do qual participa está voltado antes e, sobretudo, para as demandas masculinas. Porém, o objetivo da iniciativa, segundo ele, é o respeito mútuo, algo que converge com os ativismos feministas.

Então, com relação a esse lado do feminismo, a gente apoia, a gente quer que vingue, que venha. A gente fala sobre alguns pontos, mas o nosso ponto não é com relação ao feminismo no sentido de quais são as pautas, o que as mulheres querem, mas sim muito um passo antes disso que é “o que é que nós queremos.

Seguindo a toada de outras iniciativas, o grupo se furta em discutir questões políticas ou sociais e tem como grande foco a abordagem



“terapêutica” das inquietações trazidas pelos participantes. Ele descreveu como essa abordagem ocorre:

Então, “olha, briguei com a minha mulher, (...), ou meu namorado, a minha relação com o meu namorado é um tanto abusiva e aconteceu isso”. Ai cada um dá uma opinião: “ah, eu faria isso...”, “procura um terapeuta” e tem das mais diversas ajudas”. Então tem médico que abriu pra fazer consulta, tem gente que dá desconto pra quem faz parte do grupo, meio que uma camaradagem assim

Acerca da relação das atividades do grupo com as agendas feministas, O1 afirmou que vez ou outra, quando se debatem questões como sexualidade e pornografia, problematizações a respeito do “feminino” emergem nos diálogos travados, já que a constituição das masculinidades passaria pela objetificação do corpo feminino.

Nesse ponto várias vezes vieram questionamentos né? A respeito de como essa foto faz, o que ela provoca na gente? Então, tá tendo uma discussão bem em voga agora, já há algum tempo a respeito da masturbação, da pornografia. Da pornografia e da masturbação, porque muitas vezes uma coisa tá ligada a outra. E aí da objetificação da mulher, do menosprezo.

Em suma, tais conversas não são agendadas. Vão surgindo conforme o ritmo das reuniões entre os homens. Ainda sobre o tema da pornografia, ele relatou que no Whatsapp que seria um espaço mais livre, existem restrições quanto à circulação de imagens de mulheres nuas, já que a produção de um “masculino saudável” requer a superação de comportamentos machistas, como a difusão de materiais pornográficos, prejudiciais também aos homens. Nesse sentido, ainda que as reivindicações feministas possam aparecer, os temas costumam ser deslocados para um direcionamento daquilo que afetaria os participantes.

O posicionamento pessoal de O1 quanto aos feminismos, por sua vez, é de apoio às pautas das mulheres. Ainda que faça parte de um âmbito de abordagens e metodologias diferentes, O1 ressalta as possíveis convergências de objetivo entre movimentos de homens e movimentos



feministas. “Então, eu sou o maior apoiador sim. Eu acredito no feminismo. Confirmo isso. E acho que é muito importante essa luta, essa busca que nós temos. Isso é, buscando a palavra certa aqui (...), é assim... é a nossa busca por um mundo melhor”

Continuando nessa direção, O1 mencionou as críticas que os grupos terapêuticos de homens recebem, a partir da constatação de sua “insuficiência”. Ele rebateu essas críticas e mostrou, que ainda que se trate de um universo pequeno, as ações do grupo incidem em outros contextos.

E muitas vezes, algumas vezes, já tiveram alguns questionamentos falando assim: “E vocês vão ficar só nisso?”. Bom, talvez o nosso “só isso” não seja tão “só isso”, mas que reverbere sim, claro, como eu falei, pelo ser das pessoas, e um dos pontos nossos também, né Alberto, que eu acho que é legal colocar, que é assim, é promover esses encontros e o que é tá acontecendo é que a gente conhece vários grupos e inclusive vários grupos surgiram a partir dos nossos encontros pessoais

Nessa sequência e tratando das contribuições que os feminismos teriam para dar aos homens, O1 ressaltou que são variadas. O entrevistado também ressaltou durante a sua resposta a importância da divisão igualitária das tarefas domésticas, já que seria uma atribuição de homens e mulheres se importarem com o cuidado com o ambiente em que vivem: “Então não vou ajudá-la, porque esse não é um serviço dela, é um serviço nosso. Claro que a gente pode ter um acordo: você cuida disso, eu cuido daquilo”. A forma como isso vem ao centro do debate em alguns momentos é uma herança das lutas sociais travadas por diferentes mulheres ao longo da história: “Mas o feminismo traz esses questionamentos e nesses questionamentos, nesses argumentos que o



feminismo traz, eles são bem importantes, pra justamente nos fazer pensar em como a gente se comporta.”

Por fim, O1 afirmou que os feminismos contribuem para que situações antes lidas como normais sejam hoje vistas como intoleráveis, na medida em que o feminismo movimenta o mundo a partir da reflexão e do pensamento crítico. Como já ressaltado nesse artigo, os movimentos feministas têm como um dos seus princípios a busca pela equidade de gênero. Perguntado, não mais necessariamente no sentido de uma relação com os feminismos, como o grupo atuaria no sentido de busca dessa equidade, João falou que a partir de depoimentos de experiências pessoais e outros materiais, os homens passam a refletir acerca da questão do machismo. Ele também citou a criação de grupos específicos para homens negros e homossexuais a partir do grupo em que ele se insere, o que significa um feito importante nesse processo: “Tem toda uma abertura pra que tudo aconteça. E vai acontecendo naturalmente.”

O segundo entrevistado (O2) é representante de um grupo de homens negros. Nessa entrevista, singularidades se apresentaram. Ao início, O2 trouxe noções superficiais ou distantes sobre o que se entende pelos feminismos, para depois associá-los às lutas das mulheres, ao mulherismo africano e ao feminismo negro, o que se encaixa na toada da entrevista que girou em torno das questões raciais. Acerca da pergunta inicial, disse O2:

Tenho, tenho conhecimento do movimento feminista. Acho que é um movimento extremamente importante numa cultura machista que a gente vive e tal. Não tenho propriedade pra dizer assim quais são as pautas. O que eu sei é de internet, de Instagram, então eu não me sinto à vontade pra falar desse movimento tão sério, tão importante por meio de Instagram...



Ao perceber que o entrevistado se sentiu inquieto frente à primeira pergunta da seção, expliquei que estávamos entrando em uma parte específica referente ao tema e que ele poderia ir respondendo conforme sua conveniência. Quanto ao seu posicionamento pessoal em relação aos feminismos, disse que a postura ideal de um homem deve ser pró feminista: “Eu penso que o (...) meu lugar no movimento feminista ele deve ser de apoiador. Ele deve ser pró feminista, digamos assim, né”. Fez questão de ressaltar também, e mais uma vez, como as estruturas de gênero se cruzam com as de raça. Sempre que citava “homens” e “mulheres”, não os pensava enquanto universais. “Homens” e “mulheres” aqui tem cor. Logo, o entrevistado se referia a homens e mulheres negros que compõem a sua realidade. Tanto que, ao ser questionado sobre a relação entre as atividades do grupo e as agendas feministas, afirmou: “Então, quando você fala “feminismo” me vem na cabeça o feminismo branco, sabe? (...) Existem as feministas negras, mas elas têm que marcar isso, é o “feminismo negro”.

Nesse sentido, ele se sente mais próximo de um grupo de mulheres negras aos quais chama de mulheristas africanas e que entendem o “masculino” e o “feminismo” de forma harmônica e não oposta. Homens e mulheres negras que sofrem as mesmas opressões frente ao racismo.

Nesse sentido eu me sinto muito mais aproximado do movimento, acho que nem cabe a palavra movimento, mas de um grupo de mulheres que tem se intitulado mulheristas africanas porque sendo um movimento afrocêntrico, essas pessoas tentam se colocar no mundo dessa forma integrada. Então eu sou mulher, mas estou junto com homens, inclusive porque enquanto mulher eu sou perpassada por energias masculinas e esse homem também é perpassado por energias femininas e vice-versa. E nós, enquanto negros e negras da diáspora, temos que de alguma forma estar juntos.



Conforme a intersecção entre gênero e raça foi sendo levantada, adaptei a sexta questão e perguntei quais as contribuições que as feministas negras têm a dar aos homens negros. O2 respondeu:

“Acho que primeiramente assim é chamar a atenção dele (...) pra questão de raça, pra questão de família preta, de atenção à mulher preta. Então assim, penso que, como eu te falei, é muito complicado dizer o que elas estão pensando porque eu não sou... eu sou homem, eu não sou feminista, eu não sou esses homens que ficam “ah, eu sou um homem feminista!”. Eu acho isso maluquice. (...). Mas assim, nos papos com amigas elas falam “cara, cês tem que valorizar a mulher né... ficar saindo com branca pô, né?” Preferindo a branca né, abandonando família, abandona filha e tem toda uma problemática”

Ao fim, questionei o entrevistado se as discussões que as mulheres negras vem realizando têm entrada nos debates do seu grupo. Respondeu que sim e me disse que uma parte considerável dos participantes do grupo tem sido instada a participar dos encontros por suas namoradas ou esposas. Ou seja, além de motivações pessoais, pedidos de companheiras podem ser um incentivo para a participação.

O entrevistado O3, por sua vez, é representante de um grupo de homens homossexuais. Nessa entrevista, a questão dos feminismos apareceu em menor medida tendo em vista que o entrevistado deixou claro desde a primeira questão – a respeito do movimento feminista e sua pluralidade –, seu desconhecimento a respeito do movimento feminista.

Bom, eu não tenho conhecimento direto de grupos feministas. Parece-me que são vários. Agora eu não sei dizer o que realmente elas discutem. Possivelmente elas discutem, como é lógico pensar, elas discutem machismo, (...), esse tipo de coisa. Mas eu particularmente não tenho informações mais claras.

Dos três depoimentos aqui apresentados é neste onde se mostrou uma maior fuga às questões sobre as lutas das mulheres. De toda forma, tentei ser específico e continuar a questionar o entrevistado. Perguntei se enquanto participante de um grupo masculino ele teria



algum posicionamento relativo aos feminismos. Nesse momento, ele retomou uma consideração comum às demais entrevistas: a que as atividades que giram em torno do “masculino” nos grupos de homens são complementares aos movimentos organizados por mulheres. Embora não haja uma comunicação entre ambos, esse ideário se reproduz nos discursos que circulam no interior das iniciativas. O3 resgatou, durante sua fala, uma abordagem psicanalítica referente à construção das masculinidades e das feminilidades.

A construção da masculinidade de certa forma começa com a mãe. “Então a mãe naqueles cuidados mais próximos, muitas vezes com pai, é que vai moldando o que que é ser homem. É claro que tem a participação masculina, mas se por exemplo você for fazer pesquisa com famílias monoparentais só de mãe quem é que constrói esse homem se não a mãe? Então se há grupos que questionam o que é ser mulher, o papel da mulher, é lógico que a coisa puxa pra que é o papel de ser homem. Então esses grupos precisam dialogar.

O entrevistado também afirmou que o movimento feminista é plural e que algumas correntes feministas criticam os grupos de homens, o que ele julga não ter fundamento.

Falta de conhecimento. Porque no fundo há uma necessidade na sociedade, no meu ponto de vista, de questionar o que é ser mulher, qual o papel da mulher, e o que é ser homem, qual o papel do homem. E nessa interface tem uma questão que atravessa isso que é, por exemplo, a transexualidade. Então é complexo.

De maneira adaptativa, perguntei a ele se existe o debate sobre a desigualdade de gênero no grupo. O entrevistado afirmou que isso emergiu de alguma forma no trabalho do grupo, pois como a sua ação é fundamentada na bioenergética, que é assentada na psicanálise, há uma questão forte com os preceitos edípicos (a relação do sujeito com o pai e a mãe): “De certa forma, isso que você me pergunta, emerge porque eles começam a falar: a minha relação com a minha mãe, a minha relação com o meu pai. Então isso acaba permeando todos os diálogos.”



Por fim, questioneei o3 se o sexismo está entre as pautas de discussão. Segundo o entrevistado, a questão dos abismos entre homens e mulheres emergiu esporadicamente, mas não foi um tema de debate. “O que eu gostaria de frisar pra você é que, como um grupo de psicoterapia, a questão política, social, cultural (...) atravessa ainda de certa forma porque nós estamos imersos na cultura, mas o grupo é de trabalho subjetivo interior” Em suma, o grupo terapêutico não teria como finalidade discutir a cultura ou aspectos sociológicos, mas sim as inquietações psicológicas de cada sujeito, bem como as interações no grupo. “O foco é a subjetividade de cada um na relação com o outro”. Com isso, a “terapia de masculinidades” se dá de forma a rechaçar a discussão política e social, embora essa apareça como causadora dos reflexos a serem tratados pelos homens.

Analizando O “Masculino” Em Revisão

As desigualdades de gênero constituem uma preocupação dos homens que estão em busca de revisar as suas masculinidades? A julgar pelas entrevistas realizadas com representantes de grupos no DF, com seus limites metodológicos, a resposta é (ainda) não. A tangencialidade da discussão sobre o sexismo e a estrutura desigual que privilegia os homens apontam para iniciativas psicologizantes, voltados para o estilo de terapia em grupo que lembra os grupos reflexivos ou as rodas de conversa entre alcóolicos anônimos. A masculinidade é abordada como se fosse uma patologia de onde pode ser retirada a “parte ruim” e deixada a “parte boa” (recorre-se nos grupos à ideia de “masculinidade saudável”).

Desde um ponto de vista micro, a discussão sobre temas como paternidade, sexualidade ou finanças pode ter um impacto positivo na



vida dos homens que decidem participar dessas atividades que giram em torno do “masculino”. Positividade que implica melhoria na qualidade de vida e um ajuste nas relações travadas com filhos, companheiras ou companheiros e amigos. Ademais, os grupos de homens, ao menos em tese, tem se mostrado abertos à todos os que se identificam como homens, independentemente da sexualidade, o que também é um sinal interessante de uma masculinidade mais inclusiva, que não relega a conversação à sexo e futebol ou o acesso ao “clube do bolinha” a uma heteronormatividade compulsória.

Todavia, desde um olhar macro, os grupos masculinos são limitados no que diz respeito à produção de “homens melhores”. Discutir a pressão individual da masculinidade hegemônica sobre esses sujeitos sem debater aquilo que sustenta o “privilégio masculino” não significa um grande avanço na superação de entraves que podem se mostrar no próprio cotidiano desses homens na relação com outros e com as mulheres. Afinal, embora se diga que os grupos de homens transformem aqueles que deles participam, ainda não foi possível verificar empiricamente as alterações comportamentais em outros espaços nos quais esses sujeitos interagem – como o ambiente doméstico onde as mulheres se encontram sobrecarregadas.

Mesmo terapeuticamente, conversar sobre modelos de paternidade implica falar na distribuição desigual do cuidado ou no quanto o paternar ainda é passível de escolha, contrariamente ao maternar, como bem mostram os estudos de Donath (2017) e Motta (2015). A conversação sobre relações sexuais, por outro lado, passa pela reflexão sobre a indústria da pornografia e o livre acesso aos corpos das mulheres através da prostituição. Esses são dois temas recorrentes nos



grupos de homens e que necessariamente são perpassados pela sombra do “feminino” em sua estruturação. Ou seja, não é possível ignorar o Outro no debate.

Os incômodos dos homens com as suas masculinidades não podem ser finalizados a partir de um lamento coletivo que não reverbere em mudanças de atitudes. Como bem demonstrado nas entrevistas, o pouco conhecimento dos “feminismos” e das suas pautas em espaços que se propõem a constituir o “novo homem” adaptado à contemporaneidade, resulta em uma discussão que reatualiza o egocentrismo com o qual o sujeito masculino habituou-se desde o processo de socialização.

Enquanto a preocupação com o outro é uma tônica da subjetivação feminina, os homens voltam-se para suas próprias preocupações. Não faz parte do seu repertório o cuidado, inclusive consigo; fato que, em última instância, produz consequências para o próprio asseio com a higiene e a saúde pessoais. Quando a hora é de trazer o gênero para o centro, essa estrutura de ação se repete. Homens debatendo masculinidades para si, a partir de uma ótica cujo limite é aquilo que os afeta de forma negativa. Domina então a angústia individual produzida pelos prejuízos individuais. Produz-se uma nova casa dos homens.

Sendo assim, a igualdade de gênero nas relações deixa de ser um horizonte palpável. Ao silenciar problemas estruturais, a discussão sobre masculinidades limita-se em seus próprios termos. O “masculino” enquanto construção social, tal qual o “feminino”, só pode ser verdadeiramente revisado quando os seus fundamentos culturais são abalados. Ao nível das interações em determinados grupos sociais, isso implica trazer as mulheres, aquelas que estão abaixo nas hierarquias de



gênero, e chamá-las a participar do diálogo. A solidariedade que se dá exclusivamente entre os homens e que visa produzir um novo tipo de “irmandade” – só que agora “esclarecida” – não rompe com a tônica que dita o “masculino” pressurizador. Pelo contrário, reforça a ideia de uma “brotheragem”, agora mais progressista, em espaços em que a homosociabilidade anda lado a lado com a cumplicidade sobre vantagens e violências. Discutir masculinidades é discutir prejuízos que foram por muito tempo ocultados e naturalizados.

Por fim, é preciso alertar para a transformação do debate das masculinidades em um novo segmento comercial, que faz dos estudos e ações acerca dos homens uma forma de promoção financeira para indivíduos dentro e fora da academia. Essa é uma tendência verificada no ambiente brasileiro e também estadunidense, onde por vezes a “desconstrução” é vendida como produto que pode ser alcançado a partir de cursos e reuniões para homens ou então em conteúdo para mulheres heterossexuais ou bissexuais que se interessam em melhorar os seus relacionamentos afetivos e sexuais com o “homem moderno”. Renuncia-se ao caráter político dos enfrentamentos a serem travados, dando precedência para que os diálogos sobre o gênero continuem marcados sob as armaduras do essencialismo e do conforto para aqueles que já desfrutam de prerrogativas.

Considerações Finais

O presente artigo procurou discutir a presença das agendas e pautas feministas nas iniciativas que visam a revisão das masculinidades. Sabe-se que os grupos de homens surgem como repercussão da explosão feminista nos países desenvolvidos na segunda metade do século XX. Isso



implica uma afinidade histórica e sociológica entre o fenômeno da reflexão sobre o “masculino” e o desejo de liberação do feminino. Perdidos diante das transformações que ocorriam, os homens buscaram reencontrar o seu lugar em uma sociedade que se transformava. Tal processo continua até os dias atuais em parcelas das classes médias. Entretanto, o que se pode observar é que as afinidades já dadas não se constituíram em alianças políticas já que os grupos masculinos tem procurado focar em uma reflexão individualizada de problemas estruturais.

A partir da escuta entre homens – majoritariamente heterossexuais, de classe média e brancos – sobre temas fulcrais à vida dos homens, processa-se uma nova “irmandade”, na qual substitui-se uma masculinidade rígida e que faz silêncio dos seus próprios problemas para uma na qual se está mais aberto a dialogar com os pares sobre emoções, fragilidades e problemas de ordem psíquica, sexual ou financeira. Nesse sentido, os grupos de homens ou grupos terapêuticos masculinos tem absorvido parte do debate sobre masculinidades, focando nas questões apontadas pelas pesquisas como os prejuízos que a masculinidade hegemônica ocasiona aos homens de forma a criar um apoio entre irmãos, em alguns casos de forma monetariamente lucrativa. Por outro lado, tais grupos tem relegado a um segundo plano ou mesmo anulado as violências (micro e macro) perpetradas por homens e a centralidade do “privilégio” decorrente da virilidade.

Masculinidades, hegemônicas ou subalternas – para utilizar a classificação de Kimmel (1998) – são produtos de fatores históricos, sociológicos, políticos e culturais. Não se dão em um vácuo, em uma folha em branco. Resolver as angústias e inquietações que são delas resultados



(principalmente da masculinidade normativa que aponta para a nobreza do “macho”) não é sinônimo de fugir à contextualização de um gênero produzido para possuir muito mais vantagens que desvantagens em uma economia capitalista marcada pelo trabalho de cuidado não remunerado de mulheres e pela concessão de prerrogativas culturais que facilitam a vida dos homens em diversos âmbitos. Significa, isso sim, lidar, a partir de um olhar para os feminismos, com a renúncia de lugares comuns já estabelecidos por uma estrutura que transforma diferenças em desigualdades.

Referências

AZEVEDO, Mariana Ferreira de. *Homens feministas: a emergência de um sujeito político entre fronteiras contingentes*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo* Sexualidade e gênero na experiência transexual. Editora Devires, 2006.

BLY, Robert. *João de Ferro*. Um livro sobre Homens. Editora Campus, 1991.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em Termos Reais*. NVersos: 2016.

DONATH, Orta. *Mães arrependidas* Uma outra visão da maternidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista In Hollanda, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HIRATA, Helena. KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v.37, n. 132, p. 595-609, 2007.



KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n.9, p.103-117, 1998.

KIMMEL, Michael. *Angry White Men* American Masculinity at the End of an Era. New York: Bold Type Books, 2018.

KIMMEL, Michael. KAUFMAN, Michael. The new men`s movement: Retreat and regression with America`s weekend warriors. *Feminist Issues* 13, 3-21, 1993.

MOTTA, Maria A.P. *Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção*. São Paulo: Cortez, 2015.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, vol.9, n.2, p.460-482, 2001.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Appris, 2018.

A New “Men`S Home” ? The Gender In Question At Male Therapeutic Groups

ABSTRACT: Masculinities have been questioned in the contemporary world, especially traditional or hegemonic masculinity, historically worshiped in our society. One of the arenas in which this reflexivity has been exercised is the universe of men's groups or therapeutic masculine groups that have been constituted as a new "men's house" in which the masculine condition has been discussed in the light of psychologizing or spiritualist perspectives. This article critically approaches these groups, questioning, based on research reports carried out during the pandemic, to what extent the problem of gender inequalities – a topic associated with feminist agendas – has managed to penetrate these initiatives directed by them to them.

KEYWORDS: Masculinities. Inequalities. Gender. Feminisms.

Alberto FILHO

Universidade de Brasília

*Professor voluntário da Universidade de Brasília. Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação do Instituto de Ciências Sociais da UnB, sendo bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e realizando trabalho na linha de pesquisas Feminismo, Relações de Gênero e Raça. Concluiu o mestrado também no PPGSOL, em 2021, com bolsa CAPES. É membro do Núcleo de Estudos da Diversidade Sexual e de Gênero, parte do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM/UnB);
E-mail: albertosilvaterra@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8180-7812>*

Recebido em: 01/07/2022

Aprovado em: 01/12/2022